

OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Eixo-temático: profissão docente e formação de professores

Luana Araújo da Silva - Bolsista do PIBID
Universidade Estadual de Alagoas UNEAL
luanna-araujo18@hotmail.com

Ana Paula Nunes-Bolsista do PIBID
Universidade Estadual de Alagoas UNEAL
anapaula.muquem@hotmail.com

Claudionor de Oliveira Silva- Professor supervisor do PIBID
Universidade Estadual de Alagoas UNEAL
geografia.gestao@hotmail.com

Daniele da Silva Severo - Bolsista do PIBID
Universidade Estadual de Alagoas UNEAL
dany-severo1993@hotmail.com

Sirlange Soares da Silva Brito - Bolsista do PIBID
Universidade Estadual de Alagoas UNEAL
sirlange_soares@hotmail.com

Resumo: Este artigo vislumbra discutir a Geografia nos PCNs do Ensino Fundamental, tendo como objetivo analisar a maneira como a geografia é apresentada e desenvolvida neste documento, destacando suas principais características, desafios e perspectivas no que diz respeito ao ensino. É primordial levar em consideração que o ensino da Geografia torna-se fundamental para a construção da cidadania, possibilitando desta forma uma visão ampla de problemas que antes eram negligenciados pela sociedade, tornando-se essencial para o entendimento do espaço geográfico em que o aluno está inserido. Este artigo é estritamente teórico e fruto das primeiras apreensões da análise dos PCNs, desenvolvidas ao longo dos encontros dos grupos de estudos no subprojeto “A Cidade no Ensino de Geografia” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, além de autores como Sodré e Lacoste. A partir dos PCNs é possível perceber que a Geografia escolar é trabalhada ainda por muitos profissionais de forma tradicional, descontextualizada da realidade do aluno, impossibilitando um avanço nas discussões, portanto, os PCNs tornam-se importantes para guiar os professores do Brasil acerca do entendimento de Geografia. Seu estudo tem, atualmente, grande importância na formação dos docentes, faz-se necessário que estes utilizem saberes e métodos em benefício da construção de sua cidadania e de uma sociedade mais justa. No âmbito escolar é preciso propor respeito às diversidades sociais em uma perspectiva que permita aos alunos reconhecerem seu papel nesse processo. Tudo leva a crer que há uma fragmentação da Geografia enquanto ciência e disciplina, impedindo assim, sua melhor compreensão.



Palavras-chave:PCNs. Ciência Geográfica. Ensino Fundamental.

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar as propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. Este documento de grande importância para os professores de Geografia, proporciona ao corpo discente e docente o caminho correto na qual está ciência como disciplina escolar deve trilhar.

Refletir como a Geografia é apresentada nos PCNs nos permite entender o quanto esta é essencial para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio da geografia somos levados a analisar as diferentes interações, convívio e conflitos da sociedade na construção do seu espaço e, sobretudo debater atenciosamente tais relações, estudar e ensinar geografia é perceber que o passado e o presente convivem em um mesmo espaço, que ambos interagem com as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, em âmbito local ou global, a geografia surgiu como possibilidade de refletir o mundo real, pois o conhecimento transforma o indivíduo em um ser ativo, que o leva a discutir seu papel na sociedade.

O interessante é estimular nos alunos o prazer em aprender geografia e ampliar suas capacidades de observar, conhecer, debater, explicar, comparar e indagar mediante a compreensão da realidade geográfica, estimulando a criatividade e imaginário. Aprender a observar, analisar o espaço e a interpretar os fenômenos que o constituem isto é ler o espaço e se reconhecer em seu espaço vivido.

O grande desafio para os professores de geografia é vencer a monotonia dominante na maior parte das escolas e desmitificar a história de que estudar geografia é chato e cansativo e o pior de tudo apenas decorar, mesmo sabendo infelizmente que o método mais comum de ensinar geografia é o de memorização. Os alunos devem ter experiências que os levem a perceber uma geografia comprometida com a leitura de mundo e com a pesquisa, para isso as aulas de geografia devem contar com práticas pedagógicas estimulantes, críticas e metódicas, levar os alunos para fora da escola em excursões ou passeios didáticos para eles observarem a paisagem e terem contato na prática com aquilo que eles aprendem em sala de aula, tornam as aulas mais cativantes e o processo de aprendizagem mais prazeroso, comprovando dessa



maneira que o ensino não está ligado apenas a estrutura física da escola, isso é a geografia analisando as transformações do mundo no mundo, dessa forma os alunos percebem que a geografia faz parte de seu cotidiano. A escola e a sala de aula ganham importância na formação de alunos-cidadãos construindo conhecimentos e valores para o convívio social.

No ambiente escolar é necessário propor o respeito às diversidades sociais de forma que possibilite aos alunos perceberem seu papel na sociedade. Por tanto um educador democrático não pode negar-se o dever em sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do aluno, sua curiosidade, sua insubmissão, enfim, seu papel em meio a uma sociedade diversificada.

2 - DESENVOLVIMENTO

DISCUTINDO A NOÇÃO DE GEOGRAFIA

A expressão Geografia é um termo bastante antigo, apesar de muitos acreditarem que o seu uso seja atual. Esta ciência teve grande contribuição dos Gregos, mesmo que tenha sido de forma parcial e em uma perspectiva bastante tradicional.

Para o autor Nelson Werneck Sodré, “A geografia é talvez uma ciência de história mais longa, que começa com as primeiras comunidades gentílicas” (SODRÉ, 1976, p. 13). Segundo o mesmo, “os gregos foram os primeiros a registrar de forma sistemática os conhecimentos geográficos, e que eles batizaram os conhecimentos sobre a superfície da terra de forma geográfica.” (SODRÉ, 1976, p. 14).

Pode-se destacar alguns exemplos de gregos que tiveram grande influência na construção desta ciência, Eratóstenes, um matemático e astrônomo, que segundo o autor, teria levantado a hipótese a respeito da forma geométrica da terra.

Ptolomeu teve sua contribuição quando propôs o Geocentrismo, onde o mesmo afirmava que a terra era o centro do universo e que os planetas, as estrelas e o sol giravam ao seu redor.

Tales e Anaximandro, também tiveram um papel importante mesmo que de forma lenta, mais de uma fundamental importância para a construção de um arcabouço teórico que no futuro torna-se a ciência geográfica.



Mas, é importante destacar que nesta época a geografia não tinha um valor significativo. “Ela estava ainda carregada de lendas, mitos e muitas deformações, que impediam o que era de verdadeiro e duradouro” (SODRÉ, 1976, p.19).

A geografia como ciência vai surgir com força na Europa entre o final do século XVIII e início do século XIX. Até ai a “geografia, estava interligada a filosofia, matemática e as ciências naturais”, até o final do século XVIII, havia construído condições de compor seus elementos, espalhando-se pelas mais diversas áreas do conhecimento e podia perfeitamente sistematizá-las” (SODRÉ, 1976, p.29).

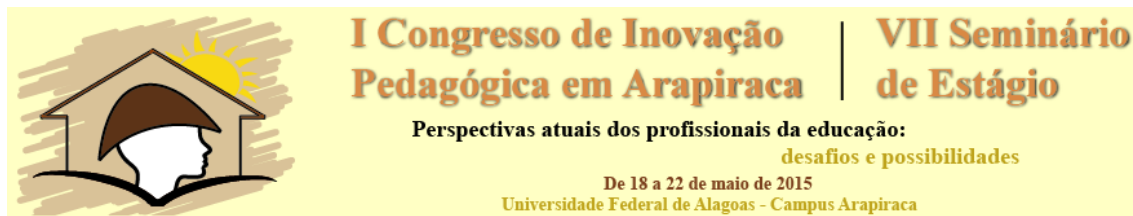
A partir daí vai surgindo vários autores que vão dando real significados a Geografia, alguns definem a geografia como uma ciência do espaço, outros dizem que é uma ciência de síntese, que busca dados nas demais ciências, e que o objetivo é abranger uma visão do conjunto do planeta (MORAES, 2007).

A Geografia segundo Moraes,

[...] Seria, por excelência, uma disciplina de contato entre as ciências naturais e as humanas, ou sociais. Dentro dessa concepção aparecem, pelo menos três visões distintas do objeto. Alguns autores vão apreendê-lo como as influências da natureza sobre o desenvolvimento da humanidade, [...] outros autores, mantendo a ideia Geografia como estudo da relação entre o homem e a natureza, vão definir lhe o objeto como a ação do homem na transformação deste meio (2007, p.35).

No início do século XIX, na Alemanha, com Alexandre Von Humboldt e Kart Ritter é que a Geografia tomou a forma de ciência. As condições históricas neste país durante o início do século contribuíram para o estabelecimento e afirmação desta ciência. Outra pessoa que também teve uma grande contribuição para a geografia, foi o alemão Friedrich Ratzel, com uma geografia caracterizada pela legitimação do poder do Estado para com o seu povo e o território. Para Moraes,

Ratzel vai ser um representante típico do intelectual engajado no projeto estatal; [...] a Geografia de Ratzel expressa diretamente um elogio do imperialismo como ao dizer, por exemplo, semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna a recompensa da vitória foi sempre um proveito territorial. (2007, p.69).



Em contra partida, surge à escola francesa, fazendo desta forma oposição à alemã, com Paul Vidal de Lablache, a escola lablachiana, tinha como objetivo principal combater a legitimação estatal pregada por Ratzel na escola alemã.

A geografia vidalina fala de população, de agrupamento, e nunca de sociedade; fala de estabelecimentos humanos, não de relações sociais; fala das técnicas e dos instrumentos de trabalho, porém não do processo de produção. Enfim, discute a relação homem-natureza, não abordando as relações entre os homens. É por essa razão que carga naturalista é mantida, apesar do apelo à História, contido em sua proposta (MORAES, 2007, p.84).

Com o fim da segunda guerra mundial, começa a surgir na Europa, investimentos em pesquisas científicas e na reconfiguração de grandes empresas capitalistas. Surge a partir daí uma Nova Geografia, voltada não para a forma como a geografia tradicional via e descrevia as coisas, já que este método não dava respostas satisfatórias à sociedade. Essa Nova Geografia

[...] e os paradigmas tradicionais são submetidos à severa crítica por parte de uma geografia nascida de novas circunstâncias que passam a caracterizar o capitalismo. Trata-se da geografia crítica, cujo vetor mais significativo é aquele calcado no materialismo histórico e na dialética marxista. (CORRÊA, 1986, p.19).

A geografia crítica vem com uma nova forma de enxergar a realidade em contra partida da geografia tradicional. Segundo Moraes,

A partir de 1970, a Geografia Tradicional está definitivamente enterrada; suas manifestações, desta data em diante, vão soar como sobrevivências, resquícios de passado já superado. Instala-se, de forma sólida, um tempo de críticas e de propostas no âmbito dessa disciplina. Os geógrafos vão abrir-se para novas discussões e buscar caminhos metodológicos até então não trilhados. Esta crise é benigna, pois introduz um pensamento crítico, frente ao passado dessa disciplina e seus horizontes futuros. (2007, p.103).

O ensino da Geografia torna-se fundamental para a construção da cidadania, possibilitando desta forma uma visão ampla de problemas que antes eram considerados não importantes para a sociedade, pode-se concordar desta forma com Cavalcante (2002, p.12/13) quando diz que “o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social”.



Apesar de sua importância, a geografia continua enfrentando dificuldades para se desenvolver no contexto escolar, pois muitos ainda acreditam que a geografia não passa de uma simples disciplina escolar ou universitária, cuja função seria a de fornecer elementos para a descrição do mundo.

Por ter sido uma disciplina mal compreendida ou de certa forma foi vista como uma “disciplina decorativa”, onde não há o que se entender mais sim decorar, fez com que os alunos perdessem o interesse por esta ciência, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo- clima- vegetação- população- agricultura- cidades- indústrias. (LACOSTE, p.21, 1988).

Nos dias atuais encontram-se muitas dificuldades também entre os professores que atuam no exercício desta ciência, pois muitos não possuem uma formação adequada para atuarem em salas de aulas. Professores que não se esforçam em fazer um trabalho de forma didática voltada para o ensino do seu conteúdo, que não se interessam em desconstruir o discurso já pronto e acabado. Com relação a essa problemática sobre a questão didática na sala de aula, Rincón (2004, p.70) descreve que:

O ensino de geografia como disciplina da escola primária e secundária requer um enfoque geográfico, pedagógico e didático apoiado nos livros didáticos e nos cadernos de trabalho, além de atlas geográficos, globos terrestres, mapas naturais, imagens de satélites, fotografias aéreas, revistas científicas, vídeos, áudios, televisão, computadores, enciclopédias eletrônicas, Internet, cartografia básica em diferentes escalas do país e do mundo, instrumentos para trabalho no campo, projetores de filmes e de slides, coleções de pedras, fósseis, plantas, animais, minerais, entre outros que possam ser obtidos.

Com base nisso pode-se observar que o sistema educacional brasileiro é frágil, pois existem escolas que não disponibilizam muitos destes recursos, e as que possuem nem sempre os emprega em salas para proporcionar aulas mais dinâmicas, muitas das vezes por não terem uma formação adequada para os professores de geografia, além de maiores investimentos por parte dos governantes para uma maior valorização de tal área do conhecimento.

OS PCNS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os PCNS-Parâmetros Curriculares Nacionais são um documento criado com o objetivo principal de expandir as discussões em âmbito educacional no Brasil, ajudando docentes e discentes na construção de uma educação mais prospectiva e unificada.



É importante salientar que “os Parâmetros Curriculares Nacionais apoiam-se em normas legais e procuram contribuir na busca de respostas a problemas identificados no ensino fundamental [...]” (BRASIL, 2001, p. 49), portanto, precisam ser analisados pelos professores com o intuito de se manterem informados quanto ao que o MEC propõe para a educação no Brasil.

O documento procura comunicar os aspectos em comum na educação de todas as regiões do país, além de determinar princípios no projeto educativo brasileiro e propor reflexões e releituras na prática pedagógica do professor.

Por ser um documento nacional e de livre acesso a professores, coordenadores, diretores e também alunos, é possível trabalhar na produção de conhecimentos que são de direito de todos (BRASIL, 2001) e que podem contribuir na construção da sociedade igualitária que tanto se discute e prega.

Os parâmetros também visam garantir consideração para com a cultura de cada grupo étnico, devido ao Brasil ser um país multicultural, com uma diversidade de escolas e alunos que precisam ser contemplados com igualdade, mas também com respeito a sua cultura local.

Os PCNs têm o objetivo de indicar meios para resolver muitos dos problemas na educação brasileira, tentando aprimorar os conhecimentos e capacidades dos alunos, construindo habilidades que os tornarão autores de sua autonomia profissional, além de futuramente contribuir para com a formação de outros educandos. O documento está estruturado de forma organizada e explícita, possibilitando assim ao professor uma maior interação com as propostas, portanto, inicia-se

[...] Com a exposição da concepção de área, para o ensino fundamental; segue-se a definição dos objetivos gerais da área, que expressão capacidades que os alunos devem desenvolver ao longo da escolaridade obrigatória, explicando a contribuição específica dos diferentes âmbitos do conhecimento. (BRASIL, 2001, p. 52).

Os conteúdos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais organizam-se em quatro ciclos para duas séries cada um, isto no ensino fundamental, com o fim de não desintegrar os conteúdos e objetivos propostos, além de permitir que os alunos possam estar mais habilitados a alcançá-los.



Os Parâmetros permitem uma avaliação mais criteriosa da aprendizagem no Brasil, além de servirem de instrumento para aprimoramento e unificação da educação nacional, pois é de extrema importância que se construa de forma prospectiva, uma educação de qualidade para todos.

O PCN de Geografia está atrelado a duas questões importantes: o fato de a disciplina ter métodos próprios e ter se tornado um ramo específico enquanto ciência, integrando as disciplinas da academia.

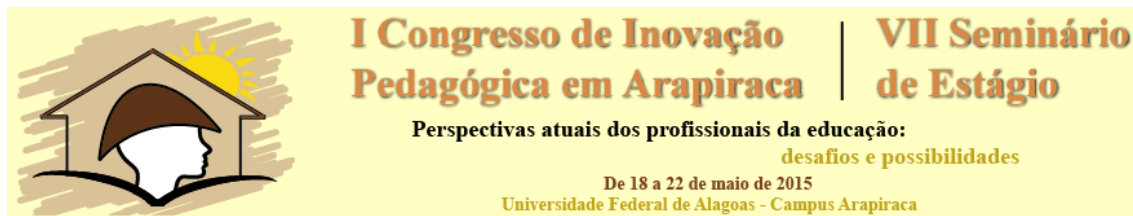
O documento faz um apanhado histórico da Geografia desde o início das reflexões no Brasil, “demarca o surgimento do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934) como o elemento que determina o surgimento da geografia como ensino superior”. (SOARES, 2011, p. 138).

Essa Geografia inicial era fortemente marcada pela tendência positivista, na qual a ciência permanecia neutra, sem uma política própria, que só contribuía para afastá-la da sociedade, já que todos são seres políticos e politicamente atuantes. A Geografia era vista como a ciência dos lugares, o homem não adentrava em suas análises.

A Geografia que aqui se fala era chamada de Tradicional, e nos estudos se era ensinado a fazer meras descrições, mas após a Guerra Fria essa forma de se fazer a ciência passou a ser contestada, devido as transformações que o mundo estava enfrentado, como as revoluções, os embates entre capitalismo e socialismo e etc.

As mudanças em sua estrutura precisavam acontecer, já que o que naquele momento se passou a propor era “[...] uma Geografia das denúncias e lutas sociais” (PCN, 1998, p. 22), com uma visão mais prospectiva e comunicativa com os fatos que se davam com os homens e seus mecanismos.

Surge então a Geografia Marxista, trazendo uma nova forma de se ensinar, onde a retórica estava a todo instante presente no discurso, todavia, havia um grande embate entre o que os livros diziam e a forma de trabalhar e passar os conteúdos do professor.



O documento traz, contudo, uma visão diferenciada, propondo que a estas duas vertentes, Tradicional e Marxista, faltava à forma sensível de observar o mundo, o aluno precisava usar seu imaginário na construção das suas análises.

O PCN faz ainda uma crítica ao fato de muitos geógrafos e professores terem deixado a parte os grandes conceitos chaves da Geografia, sendo eles: espaço geográfico, território, paisagem e lugar, propondo que se recuperem esses conceitos (SOARES, 2011), para então aprimorar a ciência e seu ensino, aproximando as reflexões. Na proposta dos Parâmetros curriculares Nacionais a Geografia é tida como uma ferramenta eficaz para captação e interferência na realidade social.

O documento de Geografia propõe um trabalho pedagógico que visa a ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar, e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos (2001, p.19).

Os Parâmetros estão divididos em duas partes. A primeira apresenta uma contextualização geral da geografia no ensino fundamental, relatando o percurso da Geografia como ciência e como disciplina escolar; na segunda parte, encontram-se orientações para o trabalho com a geografia no ensino fundamental indicando objetivos, eixos temáticos, conteúdos e critérios de avaliação. Os PCN entram, assim, como proposta de facilitação e adequação do ensino, fazendo com que as instituições potencializem a capacidade de aprendizagem heterogênea dos indivíduos e que conduzam o ensino para que estes absorvam os conhecimentos transmitidos e possam desenvolver suas capacidades continuamente. Os parâmetros também contribuem bastante para o Projeto Político Pedagógico (documento que detalha os objetivos, diretrizes e ações a ser desenvolvida na escola) ser desenvolvido nas instituições escolares, justamente por propor aos professores trabalharem com temas transversais – ética orientação sexual, relações de gênero, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e trabalho e consumo. Esses temas tratam questões que ultrapassam as áreas convencionais, de tal forma que os alunos compreendam e respeitem as diversidades socioculturais.

A GEOGRAFIA NOS PCNS



Muitos alunos apresentam relutância às aulas de geografia, qualificando-as como exaustivas e desinteressantes. Uma das razões para esta relutância é que os alunos não conseguem perceber como os conteúdos ensinados em sala de aula se relacionam ou até mesmo influenciam suas vidas, isto é, os conteúdos transmitidos em sala de aula muitas vezes não fazem referências com sua realidade e cotidiano. Pelo contrário, os enxergam como algo abstrato fora das suas vivências. Outro contribuinte para essa situação é o ensinar Geografia, apoiando-se simplesmente na descrição dos fatos e utilizando quase exclusivamente o livro didático que, ainda em sua grande maioria, baseia-se numa Geografia Tradicional. “Constata-se que alunos e professores são instruídos a não pensar sobre o que é ensinado e sim a repetir simplesmente o que é ensinado. O que significa dizer que eles não participam do processo de produção do conhecimento (OLIVEIRA, 2003, p.28)”.

Nota-se que não apenas a prática de ensino do professor de Geografia está rodeada por uma imprecisão e desordem, mas também as estruturas e práticas pedagógicas. Como mencionado nos Parâmetros, é frequente o abandono de conteúdos fundamentais da Geografia (categorias geográficas); modismos que buscam sensibilizar os alunos para temáticas atuais, sem a preocupação de promover uma compreensão dos fatores que delas são causas ou decorrências, memorização como causa fundamental praticada no ensino da Geografia. Pensando em medidas para melhorar o ensino de geografia, foram elaborados nos PCN de Geografia terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental (p.35, 2001), propostas que objetivam ao longo dos oito anos do ensino fundamental que os alunos construam um conjunto de conhecimentos, referentes a conceitos, procedimentos e atitudes, relacionada à geografia que lhes permita ser capazes de:

- Conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão, de como as paisagens, os lugares e os territórios se constroem;
- Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos, de modo que construa referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais;
- Conhecer o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo que compreenda o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar;
- Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações;



- Compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas ainda não usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, empenhar-se em democratizá-las;
- Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições;
- Orientá-los a compreender a importância das diferentes linguagens na leitura da paisagem, desde as imagens, música e literatura de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo que interprete, analise e relacione informações sobre o espaço;
- Saber utilizar a linguagem gráfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos;
- Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade, reconhecendo-os como direitos dos povos e indivíduos e elementos de fortalecimento da democracia (PCN – Introdução, p.35).

O estudo de Geografia possibilita que os alunos ampliem hábitos e construam valores expressivos para a vida em sociedade. Os conteúdos aplicados devem levar a compreensão e construção de uma identidade com o lugar onde vivem, interagindo as vivências e acontecimentos locais com os processos globais. É importante que a escola e o corpo docente valorizem as experiências dos alunos adquiridas fora do contexto escolar, para que, a partir daí, o debate sobre os conteúdos que serão abordados pelo professor em sala de aula, façam sentido para a compreensão e interação do aluno com a aula.

Neste caminho, é que educador e educandos devem estar relacionados neste sentido, buscar uma compreensão de si e da realidade como algo concreto, que é criado e recriado no cotidiano. É, pois, necessário compreender que educar é um processo que engloba objetivação e subjetivação, como faces de uma mesma moeda. Nessa relação, professor e aluno representam polos dinâmicos que se completam, justamente pela sua diversidade. Só assim é possível uma prática transformadora em busca do novo; não de um novo abstrato que se coloca acima dos sujeitos, mas de um novo enquanto possibilidade do vir a ser (OLIVEIRA, 2003. P.12).

O conhecimento a ser desenvolvido no ensino, na perspectiva de uma Geografia crítica, não está associado no professor ou na ciência a ser ensinada, mas sim no real, onde aluno e professor estão situados. Integrando os alunos ao processo educativo, faz dele um sujeito da história e coautor do saber, com estudos participativos, debates, textos e conteúdos apropriados à realidade do aluno; ao invés de ensinar sobre algo, o professor ajuda o



educando na formação de suas potencialidades, fazendo-os enxergar que conhecimento é poder e libertador, e está em constante transformação.

[...] geografia que incorpora a dialética é uma geografia essencialmente crítica [...] esse caminho dialético pressupõe que o professor se envolva não só com os alunos, mas, sobretudo com os conteúdos a serem ensinados. Ou seja, o professor deve deixar de dar os conceitos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e de saber (OLIVEIRA, 2003, p.140).

Acredita-se que por meio da utilização de materiais didáticos prazerosos e dinâmicos em sala de aula – jogos educativos, vídeos, fotos comuns ou aéreas, filmes, passeios e excursões didáticos, o professor possa conseguir estimular em seus alunos a criatividade, a reflexão, o espírito crítico e principalmente o desejo de aprender geografia. O professor de geografia não pode simplesmente depositar os conteúdos, os conhecimentos e o aluno apenas memorizá-los, utilizando apenas do livro didático como base para a transmissão dos conteúdos. Em contrapartida é fundamental que se promova o debate entre ambos, para trilhar um caminho crítico que a geografia e a escola devem assumir. O objetivo central deste debate é tornar o aluno receptível de informação em um ser criativo, capaz de construir o saber a partir do processo de aprendizagem. É indispensável que um ensino transformador leve o aluno a uma percepção mediante o presente/passado para discutir o seu futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da Geografia possibilita o conhecimento da realidade social, tanto no ambiente escolar como social. Isto ocorre por ela estudar o espaço geográfico produzido pela sociedade com seus movimentos, transformações, contradições e conflitos. Esta prática fornece ao aluno a possibilidade de refletir e instigar sobre sua realidade. É preciso que se desenvolva uma Geografia da libertação, em que as pessoas sejam conscientes de seu papel na transformação da realidade. Assim, o saber geográfico se faz indispensável à formação de cidadãos críticos e reflexivos, a partir de uma educação de qualidade, de caráter inovador. Dando enfoque aos PCNs de Geografia do ensino fundamental foi possível perceber a importância do documento para a Geografia abordada no terceiro e quarto ciclo, evidenciando os conteúdos e direcionamentos propostos para o ensino nacional, mas sem



desvalorizar as particularidades regionais e as especificidades de cada cultura do Brasil, além disso, se trouxe um resumo da construção da ciência, inclusive no país.

Em virtude do que foi mencionado, tudo leva a crer que estas primeiras apreensões possibilitaram a construção de um trabalho mais eficaz e prospectivo no âmbito da Geografia escolar, instigando a reconstrução de conceitos e abordagens usuais da ciência e que podem ser levadas para sala de aula de forma a instigar a curiosidade e capacidade de interpretação do aluno. Dentro desse contexto, de uma Geografia preocupada com o progresso intelectual de cidadãos críticos, os Parâmetros Curriculares Nacionais objetivam colocar em prática bases para o desenvolvimento de uma educação transformadora, que faça dos alunos sujeitos; autores de seu conhecimento, posicionando-se de maneira crítica sobre os acontecimentos da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais do terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. MEC/SEF, Brasília, 2001.

BRASIL, SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia. MEC/SEF, Brasília, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: ática, 1986.

LACOSTE, Yves, **A Geografia- Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**, 13ª edição, Campinas, SP; Papirus, 1988.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?** 8. Ed. São Paulo: contexto, 2003;

Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 2001;

RINCÓN, Javier Castañeda. O ensino de geografia no México: Educação básica (primária e secundária). In: VESENTINI, José Willian (Org.) **O ensino de geografia no século XXI**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2004, p. 49-86.



SOARES, M. de O. **O Novo Paradigma Produtivo e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia**. 2011. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução a geografia**. Petrópolis: Vozes, 1976.